

O TEATRO MAIUHI, A CRISE DA MANDIOCA E O ÚLTIMO BEIJU

Autores(as): SANTOS, T. ¹; SANTOS, D. M. ¹; BATISTA, L. D. ¹; FELÍCIO, E. I. ¹; BARROS, E. ²

¹Grupo PET Educação Indígena, UNIFAP, Campus Binacional do Oiapoque; ²Tutora do Grupo PET Educação Indígena

E-mail: petindigena.clii@unifap.br

RESUMO: Este trabalho apresenta a experiência do Teatro Maiuhi no contexto da crise da mandioca vivida pelas comunidades indígenas do Oiapoque, entre 2022 e 2024. O objetivo da ação foi criar uma peça teatral que contribuísse para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial ameaçado, promovendo a valorização dos saberes territoriais e a escuta intergeracional. A metodologia incluiu oficinas presenciais, escutas comunitárias e criação cênica colaborativa, envolvendo artistas indígenas dos povos Karipuna, Galibi-Marworno, Palikur-Arukwayene e Wajãpi. A peça resultante, intitulada “O Último Beiju”, foi construída a partir de relatos reais sobre a perda dos roçados de mandioca, e transformada em dramaturgia, cenografia, trilha sonora e performance. O espetáculo foi apresentado em três aldeias e divulgado em mídias locais e redes sociais. Os resultados apontam que a ação mobilizou atores locais, fortaleceu práticas culturais, reativou memórias coletivas e ampliou o debate sobre soberania alimentar e sustentabilidade. Concluímos que o teatro indígena pode ser um instrumento potente de denúncia, formação e reconstrução de vínculos com o território, diante das urgências impostas pela devastação ambiental.

Palavras-chave: Teatro Indígena; Patrimônio Cultural; Crise Alimentar; Sustentabilidade.

THE MAIUHI THEATRE, THE MANIOC CRISIS, AND THE LAST BEIJU

ABSTRACT : This work presents the experience of the Maiuhi Theatre in the context of the cultural and food crisis faced by Indigenous communities in Oiapoque, Amapá. The main objective was to create a theatrical action that contributes to the safeguarding of Indigenous intangible heritage and to the political, poetic, and intergenerational reflection on the disappearance of manioc crops - a fundamental element of traditional food systems. The methodology involved a ten-day immersive workshop in the Manga Village, bringing together Indigenous youth from four ethnic groups (Karipuna, Galibi-Marworno, Palikur-Arukwayene, and Wajãpi). The process included autobiographical writings, scenic improvisations, oral narratives, songs, and debates, culminating in the collective creation of the play *The Last Beiju*. The results included public performances in three villages, media coverage, and online dissemination. The main conclusion is that the theatre, when rooted in Indigenous territories, becomes a tool of denunciation, memory, and cultural continuity in the face of the environmental, health, and political challenges affecting traditional ways of life.

Keywords: Indigenous Theater; Cultural Heritage; Food Sovereignty; Creative Resistance.

¹ Área do Conhecimento: Educação (70800006) /Educação e Diversidade (70808007) / Educação Escolar Indígena (70808031).

Introdução

O que pode o teatro quando a terra adoecer? Quando os roçados deixam de brotar e a mandioca, raiz de nossa vida material e simbólica, é consumida por uma praga invisível, o gesto cênico se torna forma de cura, denúncia e reinvenção. A relação entre patrimônio cultural, sustentabilidade e territorialidade exige, especialmente em contextos indígenas, abordagens que considerem a centralidade das práticas simbólicas na reprodução da vida coletiva. No extremo norte do Brasil, no município de Oiapoque (AP), a crise fitossanitária que comprometeu a produção tradicional de mandioca – base alimentar, econômica e cultural de diversos povos – tornou-se, além de uma ameaça à segurança alimentar, um vetor de desorganização dos sistemas simbólicos que sustentam os modos de vida originários. Nesse contexto, a ação performática emerge como estratégia de salvaguarda, mobilizando arte, memória e denúncia.

É a partir dessa encruzilhada entre colapso agrícola e urgência cultural que se forja a experiência do Teatro Maiuhi, coletivo indígena criado em 2023 por uma parceria entre o PET-Indígena e o Projeto Pela Reconquista das Altas Coberturas Vacinais (PRCV), do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz) em parceria com o Programa Nacional de Imunizações, e a Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm). Em 2024 o Teatro Maiuhi criou peça “O Último Beiju”. A obra cênica, concebida de forma colaborativa entre jovens indígenas dos povos Karipuna, Galibi-Marworno, Palikur-Arukwayene e Wajãpi, representa uma resposta artística a um problema socioambiental e um dispositivo de resistência simbólica e de reativação dos vínculos entre memória, território e transmissão de saberes.

O projeto parte do princípio de que o teatro, enquanto linguagem ancestral de evocação e transformação, pode assumir função estratégica na consolidação de processos educativos de base comunitária, no reconhecimento dos direitos culturais indígenas e na preservação do patrimônio imaterial ameaçado.

Método

A construção dramaturgica e performática do Teatro Maiuhi, especialmente com a peça *O Último Beiju*, baseia-se em uma metodologia de caráter colaborativo, territorializado e comunitário. A ação se ancora em práticas de pesquisa-intervenção que valorizam os saberes tradicionais indígenas, a escuta intergeracional, a oralidade e a criação coletiva, buscando articular arte, política e patrimônio cultural de modo indissociável.

Entre agosto e setembro de 2024, realizamos oficinas imersivas nas aldeias Manga e Taminã, na Terra Indígena Uaçá, Amapá. Nessas oficinas, jovens e adultos dos povos Karipuna,

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Galibi-Marworno, Palikur-Arukwayene e Wajãpi participaram de atividades formativas em dramaturgia, interpretação, criação de figurino, cenografia e construção de bonecos. Todo o processo criativo partiu de relatos de vida, cosmologias locais, canções tradicionais e experiências cotidianas relacionadas à crise da mandioca – um fenômeno recente que compromete a sustentabilidade alimentar e cultural das comunidades.

Figura 1: Materiais de divulgação da II Oficina de Teatro e da Peça “O último beiju”



Fonte: Divulgação do Teatro Maiuhi, disponível em @teatromaiuhi.

A metodologia adotada compreende quatro eixos interdependentes: (1) escuta e levantamento de narrativas locais por meio de rodas de conversa e entrevistas informais; (2) processos de criação dramaturgica inspirados no Teatro do Oprimido, de Augusto Boal; (3) mobilização comunitária para construção de cenários, figurinos e trilhas sonoras com materiais locais e de usos indígenas; e (4) apresentação da peça e registro audiovisual.

Esse processo formativo e criativo possibilitou a criação de uma obra teatral inédita e a ativação de mecanismos de transmissão de conhecimentos intergeracionais. O teatro, nesse contexto, atuou como ferramenta pedagógica e política, capaz de articular diferentes gerações em torno da memória cultural, da denúncia das ameaças contemporâneas e da afirmação de modos de vida sustentáveis.



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Resultados e Discussão

Os resultados do projeto teatral “O Último Beiju” ultrapassam a criação artística e se materializam como processo formativo, político e epistêmico. No plano estético, o espetáculo se desenvolveu a partir de uma costura polifônica de linguagens – teatro de bonecos, cânticos tradicionais, pintura corporal, grafismos e oralidade ritual –, revelando a potência de uma cena que transita entre o simbólico e o político. A estrutura dramática segmentada, com cenas desenvolvidas por cada povo a partir de suas cosmologias e vivências específicas, permitiu uma narrativa multivocal, onde os temas locais (como a devastação das roças de mandioca) se articulam a questões nacionais e globais, como o Marco Temporal e a repatriação do Manto Tupinambá.

Do ponto de vista sociocultural, a ação promoveu a revalorização da mandioca como símbolo de continuidade, reforçando sua dimensão material e espiritual. A peça *O Último Beiju* traduziu, em linguagem cênica, a perda dos roçados como uma metáfora da desestruturação dos vínculos comunitários e das relações com o meio ambiente. O público, composto por indígenas de diferentes faixas etárias e povos, reagiu com forte envolvimento afetivo, demonstrando reconhecimento da peça como espaço de espelhamento coletivo e ativação de memórias orais. O teatro, nesse contexto, assumiu a função de dispositivo performativo de denúncia e reinvenção cultural.

A escolha metodológica pelo Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (2009), revelou-se particularmente eficaz nesse contexto. Segundo Boal, o teatro é uma arma de libertação quando permite ao oprimido “representar, experimentar e transformar sua realidade” (BOAL, 2009). A cena Wajãpi, por exemplo, usou o teatro de bonecos para narrar a fábula do jabuti e da onça, ressignificando a simbologia do casco quebrado como metáfora para a união entre os povos indígenas do Brasil. Já a encenação trilingue dos Palikur e Galibi-Marworno propôs um debate sobre os limites da exploração predatória e o direito ao manejo autônomo dos territórios, incorporando discussões sobre sustentabilidade a partir de uma ética indígena da relação com o rio e a floresta. A cena Karipuna, centrada na casa de farinha (kahbe), tornou-se espaço de memória e resistência, evocando cantigas de ninar e rituais de produção como formas de reivindicação simbólica de um modo de vida ameaçado.

O envolvimento ativo dos participantes na criação dos cenários, figurinos e trilhas sonoras evidenciou o caráter integral da formação artística, despertando habilidades em múltiplas áreas – roteiro, interpretação, produção cultural, iluminação e sonoplastia. Essa



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

experiência consolidou-se como um ciclo formativo contínuo, cujo impacto pode ser observado na produção de TCCs no âmbito da Licenciatura Intercultural, como o trabalho “A Arte que Liberta” de Claudemir Batista, que relata sua trajetória e aborda sua atuação como ator indígena no Teatro Maiuhi.

No âmbito pedagógico e político, as oficinas de formação realizadas nas aldeias Manga e Taminã confirmaram o potencial do teatro indígena enquanto prática educativa descolonizadora. As atividades basearam-se na pedagogia do *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal (2008), que compreende o teatro como ensaio para a transformação social, em que “o espectador deixa de ser passivo e se torna sujeito da ação”. A incorporação dos princípios boalianos – diálogo, improvisação e construção coletiva do conhecimento – foi decisiva para que os participantes se reconhecessem como criadores e não apenas executores de uma obra. Essa metodologia resultou na elaboração autônoma dos textos, cenários, figurinos e trilhas sonoras, concebidos com materiais disponíveis nas aldeias e inspirados em grafismos e narrativas locais.

O caráter participativo e comunitário do processo refletiu-se também na dinâmica da encenação. Cada elemento da peça – do canto ritual à manipulação de bonecos – operou como tradução estética de saberes tradicionais e práticas cotidianas. Essa teatralidade enraizada, nascida da escuta e da partilha, produz o que Boal denomina “teatro necessário”: uma arte que não representa, mas intervém na realidade social. A peça, ao evocar a crise da mandioca, não se limita a dramatizar o sofrimento, mas propõe uma pedagogia da resistência, em que a cena se converte em espaço de consciência crítica e afirmação de pertencimento.

Em termos quantitativos, a ação envolveu diretamente 30 artistas indígenas e alcançou aproximadamente 1.000 pessoas nas aldeias e centros urbanos. Em sua circulação digital, obteve mais de 55 mil visualizações, incluindo a repercussão na TV Globo Amapá e em plataformas acadêmicas. O impacto indireto manifesta-se na formação de jovens indígenas como agentes culturais e na integração do Teatro Maiuhi a cena teatral do Amapá.

Importa destacar o papel decisivo do PET-Indígena da UNIFAP na gênese e consolidação do Teatro Maiuhi. Os autores desse são petianos e atores do Teatro Maiuhi, e encontram no teatro um campo ampliado de práxis intercultural, em diálogo com suas formações acadêmicas e suas tradições comunitárias. O projeto é, portanto, também um produto da política de permanência e fortalecimento da educação superior indígena, funcionando como extensão crítica e afetiva do processo formativo.



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Conclusões

“O Último Beiju” não responde com soluções técnicas, mas com deslocamentos sensíveis: convoca os corpos a lembrar, escutar e resistir. Em cena, não é só a mandioca que falta — é a possibilidade de continuidade do mundo tal como o conhecemos. A peça se inscreve como um ato político de autoria indígena, onde a criação estética é inseparável da defesa territorial, da afirmação linguística e da mobilização comunitária. O teatro, nessa encruzilhada, torna-se linguagem de emergência, rito de passagem entre o que nos tentam tirar e o que decidimos preservar. Esse movimento não nasce isolado. É fruto de uma pedagogia construída no cotidiano do PET-Indígena, onde a educação superior é vivida como enraizamento crítico e insurgência criadora. Ao romper os limites da sala de aula e fincar os pés na terra, o Teatro Maiuhi nos lembra que fazer arte é também cultivar território: um território que fala, canta, chora e luta em nossas línguas. Que a mandioca volte a florir. E que, enquanto isso, sigamos encenando o mundo que queremos colher.

Agradecimentos

O PET-Indígena expressa seu profundo agradecimento ao Ministério da Educação (MEC) pelo apoio institucional e financeiro, que tem sido fundamental para a continuidade e o fortalecimento de nossas ações. Agradecemos, também, à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), especialmente à Pró-Reitoria de Graduação e à Tutoria do PET, pelo compromisso com a formação crítica, intercultural e engajada dos estudantes indígenas; e à Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias, pelo auxílio que nos permitiu participar do ENAPET. Sem essa rede de apoio, que articula políticas públicas, ensino superior e protagonismo comunitário, experiências como o Teatro Maiuhi não floresceriam em nossos territórios.

Referências

BOAL, Augusto. *O teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.